



CHINA

Biden promete defender Taiwan

Em entrevista ao lado do premiê do Japão, o presidente dos EUA destacou o “compromisso” em se envolver militarmente, em caso de invasão da ilha por tropas de Pequim. Governo de Xi Jinping reage e adverte que Washington “brinca com fogo”

» RODRIGO CRAVEIRO

Em visita a Tóquio, onde se reuniu com o primeiro-ministro do Japão, Fumio Kishida, o presidente norte-americano, Joe Biden, sinalizou o abandono da chamada “ambiguidade estratégica” e admitiu que os Estados Unidos defenderão Taiwan em caso de invasão por parte da China. A reação de Pequim foi imediata. O governo chinês advertiu que os EUA “estão brincando com fogo”. “Nós assumimos um compromisso. Apoiamos a política de ‘Uma só China’ (...). Isso não significa que a China tenha a capacidade... Desculpe-me... A jurisdição para invadir e usar a força para tomar Taiwan”, declarou Biden.

Durante a coletiva de Biden e de Kishida, um jornalista lembrou que os EUA não se envolveram no conflito da Ucrânia por “motivos óbvios”. “Você está disposto a se envolver militarmente para defender Taiwan, caso seja necessário?”, questionou o repórter ao líder norte-americano. “Sim”, respondeu Biden. O jornalista insistiu: “Você está (disposto)?”. “É o compromisso que fizemos”, acrescentou.

Biden esclareceu que os Estados Unidos concordam com o princípio de “Uma só China”. “A ideia de que (Taiwan) possa ser tomado pela força simplesmente não é apropriada. Isso desarticulária toda a região e seria mais uma ação similar à da Ucrânia. Por isso, esse é um fardo ainda mais forte”, disse o titular da Casa Branca.

Horas depois, a Casa Branca recuou e insistiu que a política dos EUA sobre Taiwan “não mudou”. “Como o presidente disse, nossa política não mudou. Ele reiterou nossa Política de ‘Uma só China’ e nosso compromisso com a paz e a estabilidade em todo o Estreito de Taiwan. Também reiterou nosso compromisso com a Lei de Relações de Taiwan, para fornecer a Taiwan os meios militares para se defender”, disse à emissora Fox News um assessor de imprensa da Presidência dos Estados Unidos.

Lloyd Austin, secretário da Defesa dos EUA, também reforçou que “a política de ‘Uma só China’

com relação a Taiwan não foi alterada. “Nossa política não mudou”, disse Austin à imprensa, ao ser perguntado sobre o significado dos comentários de Biden.

Citada pela agência de notícias estatal chinesa Xinhua, Zhu Fenglian — uma porta-voz do Escritório de Assuntos de Taiwan do Conselho de Estado — advertiu Biden: “Os Estados Unidos estão ‘usando a carta de Taiwan’ para conter a China, e vão se queimar”. Ela exortou Washington a abandonar declarações ou ações que violem princípios estabelecidos entre as duas nações. Para Taiwan, a China é uma província rebelde que deve ser anexada ao país, ainda que, se necessário, por meio da força militar.

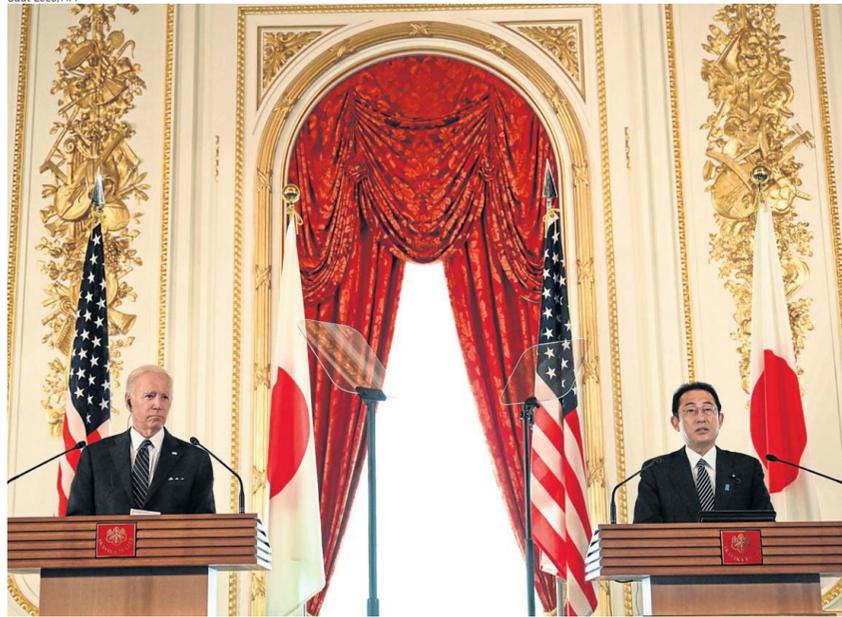
Porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Wang Wenbin, alertou que “ninguém deveria subestimar a firme determinação, a firme vontade e a capacidade do povo chinês de defender a soberania nacional e a integridade territorial”.

Apoio

Representante do Escritório Econômico Cultural de Taipei em Brasília (Representação de Taiwan), o embaixador Tsung-Che Chang afirmou ao **Correio** que o apoio mundial a Taiwan tem aumentado desde 24 de fevereiro, quando a Rússia invadiu a Ucrânia. “Taiwan compartilha os mesmos valores dos Estados Unidos. A localização geográfica de Taiwan está na linha de frente contra a proliferação do totalitarismo e é de valor estratégico, tanto para os EUA quanto para o mundo democrático”, lembrou.

De acordo com Chang, as relações entre Washington e Taipei são regulamentadas pela Lei de Relações de Taiwan. “Depois de cortar relações diplomáticas com Taiwan, os norte-americanos fizeram essa legislação para regulamentar as relações bilaterais. Existe uma cláusula clara para proteger Taiwan contra uma invasão da China, mas no texto não está claro sobre a intervenção militar direta de Washington. As pessoas sempre queriam saber da atitude do governo dos EUA, a chamada ‘ambiguidade estratégica’. Agora, Biden rompeu essa ambiguidade”, comentou.

Saul Loeb/AFP



O democrata Joe Biden (E) e o premiê japonês, Fumio Kishida, no Palácio Akasaka: “Pequim flerta com o perigo”

Duas perguntas para...

Embaixador Tsung-Che Chang, representante do Escritório Econômico Cultural de Taipei em Brasília (Representação de Taiwan)

Biden afirmou que é um “compromisso” dos EUA atuar militarmente para defender Taiwan. Como o senhor avalia essa posição?

O Ministério das Relações Exteriores Taiwan expressou sinceras boas-vindas e gratidão ao presidente Biden e ao governo dos EUA por reafirmar seu sólido compromisso com Taiwan. O desafio colocado pela China à segurança do Estreito de Taiwan despertou grande preocupação na comunidade internacional. O governo de Taiwan nunca mudou a sua determinação de defender firmemente a liberdade, a democracia e a segurança da ilha. Ele continuará a melhorar as suas capacidades de

O embaixador crê que a defesa da democracia e da liberdade de Taiwan depende, em primeiro lugar, do povo taiwanês. “A vontade e a coragem dos ucranianos

autodefesa e a aprofundar a cooperação com países com ideias semelhantes, como os Estados Unidos e o Japão, a fim de defender a segurança do Estreito de Taiwan e a ordem internacional baseada em regras. Queremos promover a paz, a estabilidade e a prosperidade na região do Indo-Pacífico.

A China avisou que os EUA estão brincando com fogo. De que modo o senhor interpreta essa ameaça?

A China e a Rússia têm a mesma ideia, ou seja, expandir seu território. Ambos países são bons em criar desculpas para usar a

de enfrentarem o totalitarismo de inspirou o meu povo. De acordo com uma pesquisa, 70% dos taiwaneses estão dispostos a se levantarem para defender o país e

força. Ao tomarmos como exemplo a guerra entre Ucrânia e Rússia, a Otan é uma organização defensiva. Enquanto os países vizinhos não usarem a força primeiro, a Otan não começará facilmente a guerra. A China tem dado desculpas para invadir Taiwan. Se você observar atentamente a sequência dos eventos, poderá ver que a China tem enviado aviões militares e navios de guerra para Taiwan, nos últimos dois anos, como meio de intimidação. Isso forçou o presidente Biden a alertar a China. O Partido Comunista Chinês gosta de usar a linguagem chinesa de brincar com fogo para intimidar o mundo democrático. (RC)

a democracia. Esperamos que o Partido Comunista Chinês também aprenda uma lição com os reverses da invasão da Ucrânia pela Rússia”, concluiu Chang.

Fabrice Coffrin/AFP



A alta comissária da ONU foi convidada pelo governo chinês

Bachelet visita Xinjiang

A alta comissária da Organização para Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), Michelle Bachelet, se reuniu com o chefe da diplomacia chinesa no início de uma visita de seis dias ao país, durante a qual viajará a Xinjiang (noroeste), onde Pequim é acusada de perseguir a minoria muçulmana uigur. Esta é a primeira vez em quase duas décadas que uma autoridade dos direitos humanos da ONU visita o país asiático.

“Espero com interesse as trocas que terei com várias pessoas diferentes durante minha visita. Tratarei de alguns temas muito importantes e delicados. Espero que isso me ajude a criar confiança”, declarou Bachelet, em reunião com o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi. Ontem, a ex-presidente chilena teve encontros virtuais com os chefes de quase 70 embaixadas na China, segundo fontes diplomáticas, as quais afirmaram que Bachelet deu garantias de seu acesso a centros de detenção e defensores das liberdades.

A China é acusada de prender um milhão de uigures e outros membros de minorias muçulmanas em campos na região de Xinjiang, o que os EUA qualificam como “genocídio”. Pequim rejeita o termo, que considera a “mentira do século”, e alega que suas políticas permitiram combater o extremismo e melhorar a vida da população na região.

A esperança de investigação profunda sobre abusos dos direitos humanos foi frustrada pela preocupação de que o Partido Comunista usará a visita para acobertar supostas atrocidades.

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Zelensky pede mais sanções e armas

Por meio de videoconferência, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, utilizou a abertura do Fórum Econômico de Davos para cobrar a interrupção de todo o comércio com a Rússia. Ele também defendeu “o máximo” de sanções a Moscou e pediu à comunidade internacional o envio de mais armamentos a Kiev. O ambiente escolhido por Zelensky foi estratégico: o evento na cidade suíça concentrou as elites econômicas e políticas mundiais. Hoje, a invasão russa à Ucrânia completará três meses. “Acredito que ainda não existem tais sanções (máximas) contra a Rússia, e deveria haver”, afirmou Zelensky. “Não deveria haver nenhum tipo de

comércio com a Rússia”, acrescentou o presidente.

O Ocidente impôs sanções econômicas à Rússia. A ministra ucraniana da Economia, Yulia Svyrydenko, disse “entender” que a Europa “está tentando calcular o custo para sua economia, mas reiterou que do outro lado está a Ucrânia. “Há uma guerra real”, ponderou. Enquanto os Estados Unidos e o Reino Unido renunciaram à importação do petróleo, a União Europeia ainda não conseguiu alcançar um acordo sobre a questão, em razão da dependência de alguns de seus membros do petróleo e gás russos.

Zelensky reforçou que “a Ucrânia precisa de todas as

armas que pedimos, não apenas das que foram fornecidas”. De acordo com ele, se o país tivesse recebido equipamento militar em fevereiro, “o resultado teria sido dezenas de milhares de vidas salvas”.

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, Olexiy Haran explicou ao **Correio** que, apesar do fracasso em tomar a capital, a Rússia ampliará a pressão sobre o Donbass (leste) e o sul da Ucrânia. “A ideia de Moscou é tentar ocupar a maior porção do território ucraniano quanto for possível, a fim de ditar sua posição à Ucrânia e aos parceiros internacionais. Nós precisamos do reforço de sanções, pois nem todas

foram implementadas, e a Rússia mantém suas exportações. Precisamos de embargo sobre o petróleo e o gás da Rússia”, disse. “O discurso de Zelensky em Davos foi à altura do desafio que se apresenta na Ucrânia.”

Segundo Haran, se a Rússia for bem-sucedida na Ucrânia, enviaria um sinal para que a China possa atacar Taiwan. “A resposta da comunidade internacional deve ser exercida de forma que Pequim não seja capaz de tomar Taiwan. Acredito que Taiwan esteja em melhor situação do que a Ucrânia, pois os taiwaneses possuem um tratado militar firmado com os EUA, o qual prevê uma intervenção americana em caso de ataque chinês.”

Sergei Supinsky/AFP



Prisão perpétua para soldado russo

Um tribunal de Kiev condenou um soldado russo considerado culpado de crimes de guerra à prisão perpétua, no primeiro veredicto do tipo desde o início da invasão russa da Ucrânia. Vadim Shishimarin (foto), de 21 anos, admitiu ter matado um civil de 62 anos que empurrava sua bicicleta enquanto falava ao telefone. “O tribunal considerou (Vadim) Shishimarin culpado e o sentenciou à prisão perpétua”, declarou o juiz Sergiy Agafonov. Em audiência na semana passada, Shishimarin declarou que lamentava o ocorrido e pediu “perdão” à viúva da vítima, justificando suas ações pelas “ordens” recebidas. Mas os promotores disseram que ele disparou entre três e quatro balas com a intenção de matar o civil. O tribunal também o considerou culpado de assassinato premeditado. “O assassinato foi cometido com intenção direta”, disse o juiz. O advogado de Shishimarin, Viktor Ovsyannikov, prometeu recorrer.